

“The Short Game”: A Imagem de um Campeão

“The Short Game”: The Image of a Champion

Monik Costa FlorianLelis

Universidade Paulista

monik1florian@gmail.com

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar o documentário *“The Short Game”*, de 2013, um documentário sobre um Campeonato Mundial de Golfe Júnior, com crianças de até 8 anos de idade, que ocorre todos os anos, nos Estados Unidos.

O que o documentário mostra, mais do que o Campeonato, é a história de 8 dos melhores jogadores mirins antes, durante e depois do Campeonato.

O objetivo do artigo é identificar e relacionar os conceitos de corpo e imagem, presentes no documentário, utilizando conceitos teóricos de autores como Baitello Jr, Durand e Kamper, de forma a verificar como a indústria midiática utiliza do entretenimento para a transformação de corpos em imagens, reforçando cada vez mais esta ideia e este comportamento.

Palavras chave

Criança, corpo, imagem.

Abstract

This article aims to analyze the documentary *“The Short Game”*, 2013, a documentary about a Junior World Golf Championship, with children up to 8 years old, that occurs every year in the United States.

What the documentary shows, more than the Championship, is the history of 8 of the best junior players before, during and after the Championship.

The article purpose is to identify and relate concepts of body and image, existing in the documentary, using theoretical concepts of authors as Baitello Jr, Durand and Kamper, in a way to verify how the media industry uses entertainment to the transformation of bodies into images, increasingly reinforcing this idea and behaviour.

Keywords

Child, body, image.

Proponho, neste artigo, uma análise sobre o documentário “*The Short Game*”, identificando e relacionando os conceitos de corpo e imagem, visto que é de substancial importância na sociedade midiaticizada na qual se vive nos dias de hoje, sendo estudada por diversos autores não somente em relação à existência destas mas de como se apresentam e as consequências destas presenças.

A relação entre corpo e imagem, e mais do que isto a transformação do corpo em imagem, vem sendo estudado com profundidade por alguns autores, como Baitello Jr., Kamper, Durand, entre outros, com o objetivo não apenas de entender o que é o corpo e o que é a imagem, mas como estes dois se apresentam nos dias de hoje e como se relacionam com o universo midiático.

“O corpo vem antes da imagem (e da consciência)” (Kamper, 2002 b, p. 11). Corroborando com isto tem-se “[...] um corpo é o registro das histórias de si mesmo e de todos os outros corpos [...]” (Baitello Jr., 2008, p. 102). Baitello Jr. (2005) complementa que o primeiro instrumento de vinculação que temos é o corpo. Assim, o corpo é algo que pertence à existência humana e está relacionado às nossas relações dentro da sociedade.

Enquanto que a imagem “Sua natureza paradoxal recorda a morte, e não é em vão que seu correspondente latino *imago* significava “retrato de pessoa morta”, assim como o grego *eidolon*” (Baitello Jr., 2008, p. 105). Corroborando com isto tem-se que “Fazer-se uma imagem do corpo humano significa torná-lo imortal, significa alinhá-lo na falange dos mortos vivos, do espectro e fantasmas” (Kamper, 2002 b, p. 11) e o autor complementa afirmando que a imagem é, entre tantas outras coisas, a presença da ausência.

Segundo Marcondes Filho (2009) o corpo está relacionado à parte física, carne, *corpus*, enquanto que a imagem está relacionada à representação de algo.

Corpo e imagem não são uma mesma coisa, não tem o mesmo significado.

Na relação entre corpo e imagem “[...] existe uma única estratégia da civilização: a transformação do corpo (transitório) em imagem (eterna)” (Kamper, 2002 a, p. 3). E nesta estratégia da civilização a indústria midiática está presente, como apresentado por Durand (2004), onde a imagem midiática nos acompanha a vida toda. Esta busca da eternidade está relacionada ao corpo ter fim, como coloca Baitello Jr. (2008), onde o corpo é finito e nós desejamos a permanência. A transformação do corpo em imagem é uma forma de buscar isto, como colocado por Kamper (2000) onde há uma transformação do corpo em imagem do corpo, na busca de fazer com que seja a mesma coisa, negando que exista uma diferença entre eles. Isto está presente no universo midiático. Kamper complementa dizendo que “[...] o corpo perde sua “essência” natural e histórica [...]” (Kamper, 2000, p. 8).

Baitello Jr. (2005) afirma que a partir do momento que os corpos sucumbem e as pessoas se tornam imagens das imagens, a complexidade do corpo não tem mais

lugar, não tem como ter suas exigências atendidas, fazendo com que tudo aconteça em torno da imagem.

O corpo deixa de ser ele, por essência, e se transforma em outra coisa: uma imagem.

Dentro deste documentário, apresentado como entretenimento e diversão para toda a família, exibido em mais de 40 países¹, será possível identificar características apresentadas pelos autores sobre o conceito de corpo e de imagem, a relação entre os dois além de apresentar diversos exemplos de como a indústria cultural se utiliza deles.

O documentário *The Short Game*² foi lançado em dezembro de 2013, e no mesmo ano ganhou prêmio do público do festival South by Southwest (SXSW)³, sendo também qualificado pela Academia e estreou em um circuito limitado de cinemas. Trata-se de um documentário sobre um Campeonato Mundial de Golfe Júnior. Este Campeonato ocorre todos os anos, em agosto, onde os melhores jogadores de golfe do mundo, com até 8 anos, vão para Pinehurst, na Carolina do Norte. São mais de 1000 jogadores, de 60 países diferentes. São meninos e meninas com menos de 8 anos de idade, em uma competição que dura três dias. Esta competição ocorre em um campo de golfe de adultos. Não é um campo com dimensões menores por serem crianças, com tacos menores, com regras menos rígidas ou qualquer diferença em relação a um jogo de golfe de adultos. A única diferença, em relação ao Campeonato, é que a participação é somente de crianças. Não é uma brincadeira, é uma competição. O que é muito levado a sério pelas crianças, pelos pais e responsáveis delas e por todos os outros envolvidos no Campeonato.

O que o documentário mostra, mais do que o Campeonato, é a história de 8 dos melhores jogadores mirins antes, durante e depois do Campeonato. Antes do Campeonato é mostrado um pouco da rotina destas crianças, os treinos, expectativas delas e dos pais, entre outras coisas. Durante é mostrado o que acontece no Campeonato, dentro e fora do campo de golfe. E depois é mostrado o que aconteceu com as crianças passado um tempo depois do Campeonato, o que elas estão fazendo, quais Campeonatos estão participando e títulos que estão ganhando.

1 Segundo informações disponíveis no site <http://entretenimento.r7.com/pr-newswire/entretenimento/netflix-adiciona-documentario-premiado-as-suas-producoes-originais-20131105.html>. Acesso em 04/10/2014.

2 Tem duração de 1 hora e 39 minutos, exibido pela Netflix. Foi produzido por Rafael Marmor, Christopher Leggett e Josh Greenbaum e tem como produtores executivos Jessica Biel, Justin Timberlake, TimmOberwelland, John Battsek e David Frankel.

3 É uma das principais conferências do mundo sobre músicas, cinema e tecnologia, que ocorre em Austin, no Texas.

Já no início do documentário o narrador diz: “Esta é a história de 8 jovens jogadores de golfe em sua jornada para se tornarem campeões mundiais”. Segundo Campbell (1988)⁴, o tema básico da jornada do herói é uma morte e uma ressurreição. Requer uma morte e uma ressurreição para que ele se torne um herói. É possível identificar esta conotação quando o narrador se refere à jornada dos jovens jogadores de golfe para serem campeões. Eles vão deixar de ser algo, apenas jogadores de golfe, para se tornarem campeões mundiais. Há um outro momento onde o narrador diz que “Pinehurst é o auge da competição do golfe junior. Essas crianças treinam 365 dias por ano apenas para chegar a este torneio”. É possível continuar identificando a presença do herói, como nos apresenta J. Brandão:

[...] o herói inicia suas aventuras, a partir de proezas comuns num mundo de todos os dias, até chegar a uma região de prodígios sobrenaturais, onde se defronta com forças fabulosas e acaba por conseguir um triunfo decisivo. Ao regressar de suas misteriosas façanhas, ao completar sua aventura circular, o herói acumulou energias suficientes para ajudar e outorgar dádivas inesquecíveis a seus irmãos (Brandão, 1987, p. 23).

As aventuras seriam formadas por todo o treinamento que as crianças têm, durante 365 dias, e que é muito apresentado no documentário. As forças fabulosas que o herói enfrenta é o Campeonato de golfe, onde aquele que se consagra campeão, então herói, pode retornar à sua casa trazendo grandes benefícios para aqueles com quem convive, além do “glamour” da vitória e tudo relacionado à ela, também o dinheiro.

Ainda dando uma outra conotação ao campo de golfe e aos jogadores, utilizando de elementos arcaicos, o narrador coloca que “ganhar ali é encontrar o Santo Graal, por isso, se você sai dali e ganha na sua faixa etária você é o campeão do mundo”. Brandão (1987) cita que os deuses ficam no Olimpo, e ao se referir ao campo de golfe desta forma pode-se ver as crianças retratadas como deuses, e o campo de golfe se torna o Olimpo, um lugar sagrado, a busca por algo que, apesar de uma lenda, é um cálice sagrado, procurado por muitos e não encontrado até hoje. É algo muito maior do que simplesmente jogar golfe, em um Campeonato.

Conforme M. Contrera (2003, p. 109) “Opera-se a redução do mito original ao mito midiático”. Não é utilizado o mito do herói, sua jornada, como na sua origem, mas sim utiliza-se o termo herói dentro do contexto midiático, assim também como utiliza-se o Santo Graal, das características atribuídas aos deuses, o que mostra que o aparelho midiático, a televisão e o narrador se apropriam das características destes traços culturais para caracterizar o que acontece com os jogadores de golfe naquele

4 Em entrevista dada ao jornalista Bill Moyers no documentário *O poder do mito: A Jornada do Herói*.

Campeonato. Como coloca N. Baitello Jr. (2008, p. 111) “Não é a informação, em seu sentido funcional, o elemento constitutivo de um processo de comunicação. É o vínculo”.

Complementando isto, ainda para Contrera:

Sabemos que os meios de comunicação são fundamentais na realização da vinculação/agregação do corpo social, e sabemos também que uma sociedade se vincula, em grande parte, ao partilhar imagens - imagens essas que se apresentam e atualizam nas sociedades contemporâneas de milhões especialmente através da mídia (Contrera, 2002, p. 65).

E dentro deste mesmo aspecto tem-se o vínculo hipnógeno. “*Vínculos hipnóticos/hipnógenos* caracterizam-se não somente pela resposta literal ao comando estabelecido, mas também por esta ação basear-se em forte poder de comando do hipnotizador para com o hipnotizado” (Baitello, Jr. y Silva, 2013, p. 6).

Assim, o vínculo estabelecido nos exemplos anteriores está associado à utilização de termos mitológicos, elementos arcaicos, para descrever o Campeonato de golfe e o que ele representa, onde o narrador, que é o hipnotizador, comanda o hipnotizado, telespectador, não somente para que continue assistindo ao documentário mas utilizando termos como “jornada” e “Santo Graal” sendo uma conotação muito maior do que simplesmente dizer “em uma competição”, ao invés de jornada e ganhar o troféu ou medalha, ao invés de “encontrar o Santo Graal”. Assim cria-se também uma identificação entre quem vê e quem é visto.

E quem vê e quem é visto trata-se, antes de mais nada, de um corpo. Para Marcondes Filho:

“(s.m) do lat. *Corpus, corporis*, carne, substância física e sensível, ou a estrutura de cada homem ou animal; todo objeto material constituído pela percepção humana e estável no espaço; pode ser corpo morto (fig.), alma, sombra; também indivíduo, pessoa, ajuntamento, corporação” (Marcondes F, 2009, p. 81).

O corpo, segundo Baitello Jr. (2005, p. 62) “[...] é o primeiro instrumento de vinculação com outros seres humanos”. É através dele que cada um tem o primeiro contato com o mundo, com as outras pessoas ao seu redor, e assim os vínculos vão se formando. Baitello Jr. (2005) complementa que esta vinculação não tem uma única direção e que basta a existência do corpo para que ocorra o processo de vinculação. Sendo assim, basta ser corpo para que a vinculação ocorra. E Kamper (2002 b, p. 11) afirma que “O corpo vem antes da imagem (e da consciência)” e “[...] um outro fenômeno que só recentemente começou a revelar seus imensos efeitos: a silenciosa transformação do corpo em uma imagem do corpo [...]” (Kamper, 2000, p. 2). Assim,

entre imagem e corpo, o corpo é o primeiro. E é preciso que haja um corpo para que haja imagem. Mas ao mesmo tempo tem-se o corpo se transformando em imagem, deixando de ser corpo. Como um dos exemplos disto tem-se no documentário quando o pai de uma das jogadoras diz que é difícil construir um grande jogador, sendo assim, transformar aquele corpo de criança em uma imagem de jogador.

No documentário, a pessoa que fala na abertura do Campeonato, diz que naquele ano há mais de 6.000 pessoas para verem aquele Campeonato, e que há 1.250 jogadores, e que eles são os melhores jovens jogadores do mundo. E diz para todos: “Dê uma olhada ao redor. Todos vocês estão de pé ao lado de um futuro campeão mundial”. Identifica-se aí uma afirmação apresentada por Baitello Jr. (2005, p. 66) “[...] este corpo passou a ser nulodimensional, não ocupando mais nenhum espaço que não seja o espaço virtual do não-espaço [...] Somos um número, um ponto. E um ponto não necessita de espaço em nenhuma de suas dimensões”. Não importa quem é cada uma daquelas crianças, a história de vida delas, como chegaram até ali, as expectativas, etc., elas são apenas números. Quantidade de jogadores inscritos para que apenas um se torne a imagem de campeão mundial. Neste aspecto, para que se possa entender o que é imagem, tem-se como ponto de partida a definição dada por Marcondes F. (2009, p. 176): “Do lat. *Imago*, representação visual de um objeto; em grego antigo corresponde ao termo *eidós*, raiz etmológica de *idea* ou *eidea*, cujo conceito foi desenvolvido por Platão”.

Para Kamper (2002 b) a imagem pode ter como significado a presença, a representação e a simulação de algo que não está lá, que está ausente, substituindo aquilo que falta mas que não terá a dignidade do que está substituindo, nunca será o que substituiu.

Segundo Baitello Jr. (2008, p. 100) “Se somos corpo, somos finitude. E porque somos finitude desejamos o infinito, a permanência”. E esta permanência se configura, nos dias atuais, em se tornar imagem. O corpo é finito, mas a imagem não, ela é eterna.

E tudo isto é presente, e mais do que isto é imensa a presença destas afirmações no documentário, como pode ser visto em alguns trechos como quando um dos pequenos jogadores diz que seu sonho é “ser o número 1 do mundo”. A imagem de campeão do mundo. Há um depoimento dos avós de uma das crianças que eles relatam uma situação de quando a pequena jogadora foi para San Diego, participou de um campeonato, e teve uma boa colocação. E Tiger Woods⁵ havia vencido o torneio no mesmo final de semana que ela havia participado do campeonato. A foto desta pequena jogadora foi colocada em quase toda página de um jornal e Tiger

5 Um dos melhores jogadores de golfe do mundo, iniciou sua carreira ainda criança. “Quando Woods está disputando um torneio, a presença do público e a audiência da TV vão às alturas”, segundo o site <http://esporte.hsw.uol.com.br/golfista-tiger-woods.htm>. Acesso em 28/05/2014.

Woods estava na parte inferior, em tamanho bem menor. Os avós estavam eufóricos pela neta ter “aparecido” mais no jornal do que o Tiger Woods. É a transformação do corpo em imagem, a presença da foto da neta no jornal, tendo mais destaque do que um dos maiores jogadores profissionais de golfe do mundo, que faz com que os avós fiquem tão contentes, tão realizados em ter aquela neta. Como é apresentado por Baitello Jr. (2005) que nos tornamos imagens antes de nos tornarmos pessoas. E a importância está em ser visível, ter visibilidade. Não é o fato dela jogar, ou ter ido bem no campeonato, mas a presença da imagem dela no jornal. Uma outra jogadora tem o “apelido”, é chamada de Tigresa, por causa do Tiger Woods. Ela diz que ele é o favorito dela, por isso ela é a Tigresa, e também por jogar um pouco como ele. O pai diz que a filha e o Tiger Woods têm muita coisa em comum: mesma data de aniversário, nasceram no mesmo condado, tem a mesma origem (negra e asiática), entre outras características em comum. Novamente temos a transformação em imagem “[...] a força de uma imagem provém de seu lastro de referências a outras tantas imagens” (Baitello Jr, 2005, p. 95).

É dito sobre um outro jogador que todos querem vencê-lo, de que ele define os padrões. Desta forma, ao definir-se padrões define-se como todos os jogadores devem ser, o que eles devem ter, onde e como eles devem chegar. Devem ser uma imagem. “Inclusive onde são aparentemente espalhados (nos esportes, nos consumos, no sexo) os corpos seguem as imagens, suas regras quase involuntárias...” (Kamper, 2002 a, p. 13). Estes padrões de como todos os jogadores devem ser tornam-se regras, mesmo que não estabelecidas, publicadas, ou informadas publicamente. E quem não segui-las está fora do jogo, por não “preencher” aquilo que foi estabelecido pelos padrões. Não importa quais as características e diferenças de cada criança, elas devem ser todas iguais se quiserem ter alguma chance de se tornarem campeãs. Quem não for igual já está fora da competição.

Temos presente o que apresentado por Baitello Jr. (2005) onde é preciso ser visto, aparentar, é preciso ser uma imagem. Há uma pressão cada vez maior para que os corpos, que tem por essência serem complexos, se transformem em imagens, e isto é apresentado de uma forma atrativa, como forma de conquista. Pode-se identificar isto mais uma vez no documentário quando um dos pequenos jogadores diz que a fraqueza dele é o corpo, pois no golfe é preciso fortalecer o físico. E em um outro momento quando o treinador diz, sobre uma das pequenas jogadoras, que ela é tão pequena que simplesmente a força não existe. Ela diz que gostaria de ter muito mais força e de ser mais forte, quando se compara às outras concorrentes. Tem-se aí a pressão para que os corpos se transformem em imagens. Seja pela fraqueza do corpo ou por ele ser pequeno e não ter força. Busca-se a mudança do corpo, que é complexo e tem limites, em uma imagem de jogador de golfe, em campeão, mesmo ainda para um corpo em formação, que é o caso de uma criança. E a atração por se tornar imagem, por ser uma conquista, está presente quando o entrevistador pergunta para

um dos pequenos jogadores o que ele quer ser quando crescer. Ele responde: um jogador profissional, estar no PGA Tour⁶, obter recordes mundiais e ganhar um monte de torneios. Continuar a mesma coisa que faz agora. E o pai de uma outra jogadora diz que o objetivo dele é criar a próxima grande jogadora de golfe que o mundo já viu.

Baitello Jr. (2005) apresenta o conceito de iconofagia, relacionando este conceito ao de antropofagia, onde corpos devoram corpos.

“[...] as relações de apropriação do corpo do outro e a consciência profunda desse processo, compartilhada por seus participantes. Em princípio, esta apropriação é de natureza física e é esta que serve de suporte para os desenvolvimentos posteriores, de natureza simbólica” (Baitello Jr., 2005, p. 93).

No documentário o pequeno jogador que vem da China, após o primeiro dia de jogo, vai com seus pais a um restaurante chinês. E o pai diz para o filho: “se comermos comida chinesa hoje a noite, amanhã teremos o poder chinês”. Tem-se presente a natureza simbólica, a apropriação do poder chinês com a ingestão da comida daquele país.

E assim o autor relaciona o conceito de antropofagia com o de iconofagia, onde “[...] ora as imagens são devoradas, ora são as imagens que devoram” (Baitello Jr., 2005, p. 9) e “[...] o processo e seres humanos sendo devorados por imagens” (Baitello Jr., 2005, p. 9). Tem-se isso presente nos exemplos citados anteriormente encontrados no documentário. E, complementado a ideia apresentada acima, sobre a iconofagia, em outro livro o autor cita que “assim se define o trabalho da comunicação e da mídia, assim se define o trabalho da tecnologia: devorar para criar vazios devoradores” (Baitello Jr., 2010, p. 29).

Em um outro exemplo presente no documentário, a professora da 2ª série de uma das jogadoras diz que não sabia quem ela era quando entrou na classe, não sabia que ela jogava golfe e era campeã de torneios. A professora comenta que depois de um ou dois meses de aula a aluna disse para a professora: “Pode me pesquisar no Google”. A criança se transformou em uma imagem de jogadora de golfe, de campeão de golfe, e reforça isto quando fala para a professora pesquisá-la no google. “Assim, são hoje as imagens que nos devoram: um mundo de paraísos pré-adâmicos, somente acessíveis se abandonarmos nossos corpos, se os deixarmos definitivamente para trás, em prol de uma existência apenas em imagem” (Baitello Jr., 2005, p. 22).

É mencionado no documentário que um dos pequenos jogadores diz “vou me tornar um jogador profissional, mesmo que isto me mate”. Pode ser identificado aí conceitos apresentados por diversos autores, onde além do corpo transformado em imagem temos a utilização do corpo de forma a violentá-lo em busca desta imagem.

6 Professional Golfer's Association Tour, ou Circuito da Associação dos Golfistas Profissionais, onde estão presentes os jogadores que formam a elite do golfe.

Para Kamper (2002 a) o corpo é transformado em serviço, entre as inúmeras formas existentes de serviço, fazendo com que isto seja uma forma de violência. Corroborando com isto Baitello Jr. (2008) apresenta um conceito denominado por G. Anders como “canibalismo pós-civilizatório” onde o corpo não somente na era industrial como ainda hoje é usado ao máximo até o seu esgotamento. E assim, após o fim deste corpo, novos corpos são colocados no lugar sucessivamente. A criança, em busca de uma imagem de jogador profissional de golfe é capaz de abrir mão da própria vida, do próprio corpo. O objetivo é se tornar uma imagem, custe o que custar (mesmo que a vida seja o preço a se pagar).

E é possível também identificar esta violência ao corpo, esta busca em se tornar imagem a qualquer custo, como quando uma outra pequena jogadora diz que como faltam 5 dias para o campeonato então ela está treinando mais pesado do que o habitual. Normalmente ela costumava fazer 100 exercícios entre flexões e abdominais, agora faz 150 ou 200. E também quando a treinadora de uma outra pequena jogadora diz que ela treina em horários malucos, que vai todos os dias. Vai de manhã e volta a noite. Todos os dias. E em um último exemplo um dos pequenos jogadores tem como rotina, 5 dias por semana: às 7h da manhã treinamento trabalhando velocidade, agilidade e principalmente força abdominal, às 7h30 ele leva o cachorro para passear, às 9h ele vai para a escola. E das 14h05 às 17h30 ele treina golfe.

A imagem midiática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados [...] (Durand, 2004, p. 33).

É possível identificar que as crianças no documentário, desde que nascem, são “tratadas” para se tornarem imagens de campeões de golfe. Sendo assim a imagem midiática está presente desde o berço e irá acompanhá-las durante toda a vida, até o túmulo.

E quando estas crianças abandonam seus corpos, nesta “busca” em se tornarem imagens, através da prática de um esporte, isto acontece em grande parte através de comportamentos e práticas considerados de um adulto.

O pai de uma das jogadoras diz que ela tem 7 anos, mas parece que tem 17 quando se trata de golfe e que quando a colocam em um campo de golfe ela age como fosse um adulto. Ele diz que ela sacrifica festas de pijama, bailes da escola, jogos depois do horário da escola, encontros, etc. Mas o pai afirma que esta é a decisão dela. Ela foi campeã do campeonato apresentado no documentário, e aos 7 anos de idade é três vezes campeã mundial. Desta forma o primeiro campeonato ela ganhou aos 5 anos de idade. Depois do campeonato, e de volta para casa, ela está competindo contra meninas 6 anos mais velhas do que ela e ela está ganhando.

Baitello Jr. (2005) traz que as responsabilidades e decisões, assim como os riscos, estão sendo colocados para as crianças e jovens cada vez mais cedo. Eles acabam sendo adultos de forma precoce, tendo que tomar decisões e fazer escolhas complexas. O que ele chama de senilização da juventude. E para estas decisões e escolhas, aos quais são submetidas estas crianças e jovens, seriam necessárias experiências de vida, sabedoria e maturidade que nenhuma criança ou jovem tem, pois não viveu o suficiente para tê-los. Complementando ele diz “[...] confere-se às crianças e aos adolescentes uma aparente autonomia, vale dizer uma aparente autossuficiência, para decidir itens importantes de sua própria vida” (Baitello Jr., 2005, p. 28).

E isto está presente em vários outros momentos do documentário, com outras crianças. Como nas seguintes situações: uma das crianças, que no final do documentário mostra que ela é campeã, aparece durante a partida errando algumas tacadas e mostra ela chorando, frustrada. Então o pai a chama e fala para ela ter pensamento positivo. Que não quer mais aquela atitude. Ela continua chorando e vai para longe do pai. Continua errando então o pai diz para ela que os vencedores são positivos, não negativos. Que não se ganha nada sendo negativo. O treinador diz que o que precisa trabalhar nela, e está sendo trabalhado, é o emocional. Ela diz que uma das fraquezas dela é a negatividade, e que ela está trabalhando nisto. No final do documentário é mostrado que tanto ela quanto o pai começaram a ver um psicólogo esportivo.

Um outro jogador não está acertando as tacadas, errando os buracos, e ao caminhar com a mãe ela diz: “Como é possível? Acorde, acorde. O que tem a dizer a si mesmo?” E o menino chorando diz: “Não é minha culpa”. E ela responde: “Não, não fale”.

Um outro jogador comenta que ele ouviu dizer que teve um menino no torneio do ano anterior que ficou tão nervoso que fez xixi nas calças.

“O ser humano jovem é chamado cada vez mais cedo ao acesso irrestrito dos padrões informacionais e comportamentos adultos” (Baitello Jr., 2005, p. 27).

Em um outro exemplo presente no documentário um outro jogador aparece após terminar o primeiro dia de competição, e ele está brincando com um outro menino e eles dizem que não são amigos no campo de golfe. Que são inimigos. Eles dizem que não é que não são amigos, eles são, mas não pensam sobre a amizade. Pensam em vencer o torneio.

Em uma outra situação quando ele vê que está em uma posição no ranking melhor do que um outro jogador que acabou sua jogada, ele expressa toda a alegria e vai falar com o pai que diz que ele não deve se alegrar quando alguém joga mal. O pai diz para ele manter uma cara séria, nunca ficar feliz.

O menino também diz, em uma outra situação, que simplesmente adora jogar golfe. Que não sente que está desistindo da infância. Sente que o golfe é a sua infância. Ama tanto o golfe que não vai desistir.

Em um determinado momento da competição ele não está indo muito bem, então o *caddy*⁷ fala que ele tem que aprender a jogar quando as coisas estão indo mal. Que ele tem que fingir, tem que mudar o cérebro para um nível diferente e que as coisas nem sempre são perfeitas na vida.

“[...] o fenômeno da senilização da juventude [...] requer uma atenção mais acurada, como sintoma que se configura de uma moléstia da cultura contemporânea” (Baitello Jr., 2003, p. 67).

Considerações Finais

Foi possível perceber que, através de um “inocente” documentário, exibido de forma a entreter o telespectador, tem-se a presença da transformação de corpos, ainda tão jovens, em imagens. E não a simples transformação, mas a busca destas crianças por se tornarem imagens, como visto na situação do jogador que afirmou que se tornará um jogador profissional, nem que isto mate ele, “[...] produzindo um tipo de violência contra a integridade do próprio corpo” (Baitello Jr., 1999, p. 84).

Como apresentado também por Baitello Jr. (2005) a sociedade hoje vive em torno de uma infinita sequência de imagens, todas iguais, onde a diferença não interessa, mas sim ser igual. O que impera é a necessidade de pertencimento. Sem pertencer não somos ninguém. Corroborando com isto B. Cyrulnik (1995, p. 75) apresenta que “É preciso, pois, pertencer. Não pertencer a ninguém é não se tornar ninguém”. E nesta necessidade de pertencimento vemos que as crianças, neste documentário, buscam ser todas iguais, e todas têm como objetivo ter a imagem de campeão.

As crianças são trazidas cada vez mais cedo para o “mundo adulto”, com comportamentos, atitudes e pensamentos que não são característicos da idade, nem possuem maturidade para tal coisa. E tudo isto em busca da imagem.

“A visibilidade se transformou num hábito” (Kamper, 2000, p. 7). E tudo isto acontece de forma “natural”, incorporado ao dia a dia, à vida de cada uma destas crianças. É como se tudo isto fosse totalmente comum ao universo infantil.

Dentro do documentário é possível identificar outras informações que possibilitam uma outra análise, um novo artigo, e até mesmo as informações contidas neste artigo sobre uma outra ótica como no que tange a questão do dinheiro como quando um dos jogadores diz que com o dinheiro que se ganha no PGA ele vai comprar um Clube de Golfe, vai ter um grande hotel com um restaurante com muita comida italiana e todos os tipos de comida. Vai ser um lugar enorme. Vai ser de mármore. E ele fala para uma pessoa que trabalha para ele que quando ele for famoso,

7 Ou *caddie*. É a pessoa que carrega os tacos de golfe para o jogador durante a partida.

se o funcionário trabalhar 7 dias por semana para ele, ele pode lhe dar 3 milhões de dólares por semana. Como apresentado por Contrera (2009) sobre o sistema capitalista, onde o dinheiro, em nossa sociedade, acaba sendo superior a tudo em nossas vidas. Justifica-se, quase tudo, em busca do dinheiro. E em outro livro onde ela traz que “quando uma sociedade perde o sentido de todos os valores, incluindo o valor dos vínculos comunicativos, o único tipo de valor que resta é aquele que se estipula monetariamente” (Contrera, 2003, p. 115). Cyrulnik (2005) também cita algo neste sentido quando diz que “o vínculo é cada vez mais formado fora da família ou do clã do vilarejo. Aprendemos a amar em instituições frias, onde a idolatria do desempenho contradiz o piedoso discurso igualitário” (Cyrulnik, 2005, p. 57), dando exemplos de que identificamos determinada pessoa através de um título que ela tem, como campeã de um determinado esporte, ou que estudou em determinada escola.

Pode ser feita também uma análise do documentário a partir de uma afirmação de Kamper (2003, p. 233): “Aquilo que é referido nos meios de comunicação não é a guerra —ainda que se possam ver muitas imagens da guerra antes como depois—, mas a referência mesma”. Não vemos o Campeonato de Golfe, entre tantas coisas apresentadas. Vemos a visão de quem filmou aquele documentário.

Algo também a ser pesquisado é de que forma este “comportamento”, tanto das crianças quanto da mídia, está presente em outros documentários, jornais ou programas apresentados através do “mundo midiático”.

Referências Bibliográficas

- Baitello, J. R. y N. e Silva, M. R. da. (1999, setembro). Imagem e violência: a perda do presente. *São Paulo em Perspectiva*. (13)3. São Paulo. Obtido em 15 de maio de 2014 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300011&lng=en&nrm=iso.
- _____. Galeno, A. e Castro, G. de e Silva, J. C. da (org) (2003). *Complexidade à flor da Pele: A violência invisível na era da visibilidade: a mídia, a senilização e a violência infanto-juvenil*. São Paulo: Cortez Editora.
- _____. *A era da Iconofagia (2005) - Ensaios de Comunicação e Cultura*. São Paulo: Hacker.
- _____. Rodrigues, David (og) (2008). *Corpo e imagem: comunicação, ambientes e vínculos*. São Paulo: Summus.
- _____. (2013, junho). Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. XXII Encontro Anual da Compós, Universidade Federal da Bahia. Obtido em 15 de maio de 2014 em http://compos.org.br/data/biblioteca_1994.pdf.
- Brandão, J. de S. (1987). *Mitologia Grega (Vols. I, II e III)*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Cyrulnik, B. (1995). *Os alimentos do afeto*. São Paulo: Ática.

- _____. (2005). *O Murmúrio dos Fantasmas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Contrera, M. S. (2002). *Mídia e Pânico - Saturação da informação, violência e crise cultural na mídia*. São Paulo: Annablume Editora Comunicação.
- _____. Contrera, M. S. e Hattori, O. T. (org). (2003). *Publicidade e Cia: Publicidade e mito*. São Paulo: Thomson.
- _____. (setembro/dezembro, 2009). Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação E-compós, Brasília, (12)3*. Obtido em 14 de maio de 2014 em <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/432/384>.
- Durand, G. (2004). *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda.
- Kamper, D. (2000, março/abril). Imagem e Violência O Corpo Vivo, o Corpo Morto. Tradução Nely Bahia Cardoso. *Seminário Internacional "Imagem e Violência", promovido pelo Cisc - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia*.
- _____. (2002 a). Corpo. Cisc - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Obtido em 15 de maio de 2014 em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/corpokamper.pdf>.
- _____. (2002 b) Imagem. Cisc - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Obtido em 15 de maio de 2014 em <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/imagemkamper.pdf>.
- Kamper, D.; Galeno, A.; Castro, G. de; e Silva, J. C. da (org). (2003). *Complexidade à flor da Pele: A estrutura temporal das imagens*. São Paulo: Cortez Editora.
- MarcondesFilho, C. (2009). *Dicionário da Comunicação*. São Paulo: Paulus.
- Marmor, R.; Leggett, C. e Greenbaum, J. (2013). *The Short Game*. Estados Unidos: Netflix.
- Tatge, C. (1998). *O poder do Mito*. dvd. Califórnia: Apostrophe S ProductionsInc em associação Alvin H. PerlmutterInce PublicAffairsTelevision Inc.